

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Última Hora

Class.: PIX-Quarup/Visitas

Data: 16/08/85

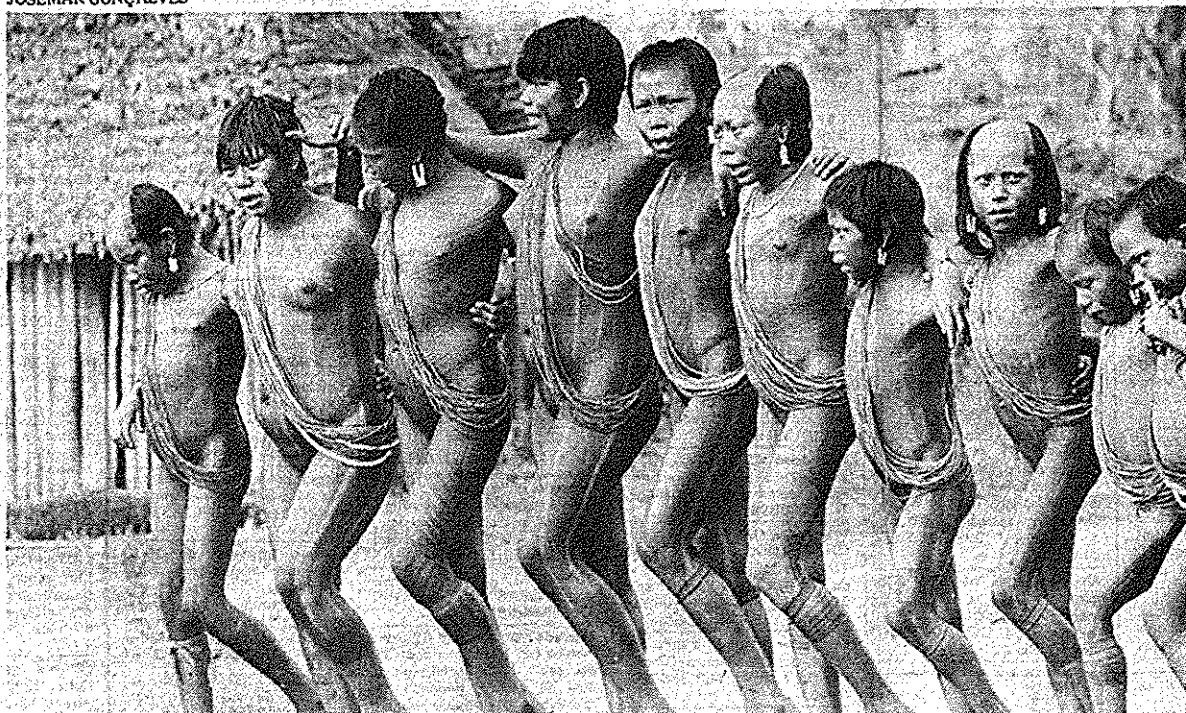
Pg.: 711

A imortalidade pelo Quarup

A cerimônia intertribal reúne nove povos do Xingu no culto aos mortos

JOSEMAR GONÇALVES

São dois dias de festa, na qual os índios do Alto Xingu choram seus mortos, dançam, realizam seus cultos e revelam os mistérios e mitos de seus povos. No Parque Nacional do Xingu, neste sábado e domingo, índios de nove tribus realizam a tradicional Festa do Kuarup, na aldeia Yalapiti, situada no Posto Indígena Leonardo Villas-Boas. Seus mortos estarão representados por troncos pintados e adornados. O ritual é presenciado por autoridades, entre elas o ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, da Cultura, Aloísio Pimentá e do Trabalho, Almir Pazianotto. Os ministros foram convidados pelas lideranças indígenas, ao mesmo tempo em que os preparativos para o ritual tiveram início.



Jovens indígenas, num dos rituais da cerimônia, dançam em homenagem a seus antepassados

O ritual deste fim de semana encerra um período de festividades que começou no último dia 5, quando as tribos iniciaram as pescarias. Sapaim e Takumã, respectivamente cacique e pagé dos Kamaiurá, determinaram que fosse reservada ainda grande porção de farinha de mandioca para o preparo dos beijos que serão servidos aos convidados. É necessário, de acordo com a tradição, que os visitantes sejam bem servidos, pois a avareza representa para os índios um dos piores defeitos.

ORIGEM

Segundo a tradição o ritual Kuarup vem a Mavütsinim, um dos mitos da tribo, que tinha poderes para ressuscitar os mortos. Introduzidos pelos índios Kamaiurá na região do Alto Xingu, hoje o Kuarup é comum às nove tribos que ali habitam. Os troncos, cortados nas matas próximas e adornados com penachos, colares, fios de algodão, braçadeiras e penas de pássaros e outros enfeites, representarão os mortos. Nessa festa três mortos estão sendo homenageados: os sobrinhos de Takumã, Maraukapá e Menhü, falecidos repentinamente

aos 16 e 17 anos, e a filha de Atitana, que viveu apenas dois meses. Durante a festa, os índios das nove tribos convidadas para reverenciar os mortos se apresentam ornamentados. Os enfeites, acessórios e pinturas corporais determinam o status dos participantes.

CÂNTICOS

Nas primeiras horas da manhã de sábado tem início o ritual, quando os índios buscam na mata os troncos escondidos. Estes serão carregados até a aldeia para a devida decoração. Enquanto isso, é formado um grupo que começa a dança e os cantadores se revezam em cânticos cerimoniais. Enquanto os troncos recebem os adornos Sapaim e Takumã se dirigem, com os parentes dos mortos, ao cemité-

rio localizado no centro da aldeia, onde se realizará todo cerimonial do Kuarup. O início do ritual é marcado com um grande grito dos índios, logo depois da colocação dos troncos nos buracos. Bem próximo, os parentes dos mortos choram, enquanto completam a decoração ajudados por outros participantes. O choro das mulheres prossegue dia e noite, interrompendo-se ao amanhecer do domingo, com a entrada dos grupos convidados na aldeia, quando começará o torneio de huka-huka.

Trata-se de uma luta esportiva, onde os lutadores ficam de pé, um na frente do outro, com o braço esquerdo estendido. Curvados para a frente, rodam rapidamente no sentido horário. Em dado momento, procuram agarrar as pernas e a

nuca do adversário e aquele que consegue é considerado vencedor. Índios de 16 e 17 anos, em reclusão nas suas malocas, sairão no dia do Kuarup e lutarão pela primeira vez o huka-huka.

A reclusão marca a iniciação pubertária. Os jovens que atingem a maturidade são recolhidos durante três meses nas malocas. Saem apenas para a cerimônia intertribal do Kuarup, onde serão realizados os casamentos. Em reclusão, rapazes e moças aprendem a confeccionar objetos utilitários e a técnica do huka-huka. Os índios acreditam que ao fim da reclusão os jovens estão aptos a desempenhar satisfatoriamente as atividades reprodutivas e produtivas — eixo de referência básica do fundamento do grupo.